

O NEO-INTEGRALISMO: ideologia e memória

Natalia dos Reis Cruz

(Doutora em História pela UFF;
Professora Titular de História da UNIVERSO)

Resumo: O trabalho aborda o neo-integralismo, que abarca os atuais seguidores da doutrina integralista da década de 30, no Brasil. Os seus membros tentam reativar as idéias, concepções de mundo e de organização da sociedade e do Estado do integralismo, enfatizando a hierarquia, a desigualdade e os preconceitos raciais e sociais, amparados nos valores morais e cristãos. Nos textos neo-integralistas, é visível a reedição das propostas e posturas defendidas na década de 30, como a democracia orgânica (Estado orgânico), o anti-imperialismo, o anticomunismo e o nacionalismo exacerbado, bem como o anti-semitismo e a crítica ao sistema político liberal. O conceito de nação, nos discursos do movimento, exprime, entre outras coisas, a idéia de uma sociedade homogênea, do ponto de vista cultural e racial.

Considerações Iniciais

O movimento neo-integralista abarca os atuais seguidores da doutrina integralista preconizada por Plínio Salgado e demais líderes na década de 30, no Brasil. De uma forma geral, os membros deste movimento tentam reativar as idéias, concepções de mundo e de organização da sociedade e do Estado do antigo movimento integralista, enfatizando a hierarquia, a desigualdade e os preconceitos raciais e sociais, amparados nos valores morais e cristãos.

O movimento vem atuando em diversas frentes. Uma delas é a utilização da Internet como um dos veículos de comunicação dos ideais neo-integralistas. O conteúdo dos sites é constituído de textos de integralistas

ilustres – como Plínio Salgado, Miguel Reale e Gustavo Barroso – e de novos integralistas, abordando assuntos atuais do Brasil e do mundo, apresentando as propostas e a doutrina neo-integralista. Os pontos que aparecem nos textos são: críticas ao neoliberalismo e à globalização; críticas ao capitalismo liberal e à internacionalização da economia brasileira; rejeição dos movimentos de cunho esquerdista – como, por exemplo, o MST -, resvalando para o anticomunismo; e defesa do nacionalismo, da pátria, da família e da moral cristã.

Embora os neo-integralistas não possuam uma organização centralizada e não se constituam em um movimento de massa, o uso de um dos mais poderosos meios de comunicação do mundo moderno, a Internet, pode propiciar à doutrina do sigma um alcance imprevisível junto à opinião pública. Vários de seus integrantes fizeram parte do integralismo nos anos 30, outros são descendentes de velhos integralistas e muitos são jovens adeptos, que vêem a doutrina e as propostas políticas integralistas como uma solução para a falta de perspectiva causada pelo modelo de desenvolvimento excludente em vigor no Brasil, resultante das práticas neoliberais e da globalização.

Grande parte de seus membros pertence à camada média baixa e, como mostra a história, as classes médias costumam ser a principal base de apoio para movimentos conservadores, em defesa da manutenção de sua posição na sociedade. Porém, existem também adeptos e filiados das classes operárias, o que nos leva a pensar que, para além dos simples interesses pequeno-burgueses, a ideologia e a visão de mundo propaladas pelo movimento neo-integralista coadunam-se com um certo “mal-estar” social que atinge a outras camadas da sociedade.

Este mal-estar não pode ser visto unicamente como resultado de motivações econômicas. Antes de tudo, sugere que a sociedade neo-integralista a ser construída oferece uma perspectiva de construção de identidades sociais,

um projeto de engenharia social, calcado na definição de papéis e lugares, e a consolidação de valores referenciais para a conduta e a relação com o outro. Dessa forma, a doutrina consegue atingir os indivíduos que já não se reconhecem na estrutura social neoliberal, cujas identidades estão destruídas, e que carregam consigo a sensação de inutilidade, causada por uma sociedade na qual o ser humano torna-se descartável e o bem-estar da economia eleva-se a categoria principal.

O Neo-Integralismo e a crise atual

Nos textos neo-integralistas são recorrentes as análises sobre a situação atual do Brasil, tendo como pano de fundo as propostas do movimento para solucionar os principais problemas do país. É visível a reedição das antigas propostas e posturas defendidas na década de 30, como a democracia orgânica – consubstanciada no Estado orgânico, o anti-imperialismo, o anti-comunismo e o nacionalismo exacerbado, bem como a crítica ao sistema político liberal.

Os neo-integralistas assumem um posicionamento pequeno-burguês, ao criticarem tanto o capitalismo como o comunismo, pois admitem a manutenção da propriedade, que estaria sendo ameaçada pelo próprio capitalismo, criticam o individualismo capitalista, mas também rejeitam o que chamam de coletivismo propiciado pelo comunismo.

Percebe-se na fala dos neo-integralistas uma característica presente em quase todos os movimentos fascistas: a apropriação de termos ou idéias do socialismo, dando-lhes um novo significado, mais apropriado à proposta conservadora e autoritária de nação, o que já era observado por Konder, em sua análise sobre o fascismo.¹

No caso dos neo-integralistas, essa estratégia é percebida na forma como eles constroem a crítica ao capitalismo. Parafraseando a análise de Marx,

¹ KONDER, L. *Introdução ao Fascismo*. RJ: Graal, 1991, p. 8.

segundo a qual o capitalismo destrói a propriedade privada, pois a retira das mãos da maioria da população e a concentra nas mãos de poucos, os neo-integralistas partem dessa idéia, mas não para abolir de vez a propriedade privada, mas sim para preservá-la. As camadas médias, engolidas pelo capitalismo desenfreado, teriam a sua posição social preservada, isto é, suas propriedades, desde que o próprio capitalismo fosse controlado pelo o que eles chamam de "regulação da produção e do comércio": *"Temos de adotar novos processos reguladores da produção e do comércio, de modo que o governo possa evitar os desequilíbrios nocivos à estabilidade social."*²

O comunismo é apresentado de forma totalmente distorcida, chegando-se a equipará-lo ao capitalismo. Ambos são vistos como produzindo o mesmo resultado: o controle da produção nas mãos de uma minoria: *"O comunismo não é uma solução, porque se baseia nos mesmos princípios fundamentais do capitalismo, com a agravante de reduzir todos os padrões a um só e escravizar o operariado a uma minoria de funcionários cruéis, recrutados na burguesia."*³

Apresenta-se nesse trecho uma outra característica própria dos fascismos: os conceitos de capitalismo e comunismo são desligados do objeto ao qual se referem e misturados como se designassem coisas semelhantes. Desconsidera-se, portanto, que os dois conceitos referem-se a sistemas econômicos e políticos completamente distintos e opostos.

Assim, a proposta neo-integralista encaixar-se-ia numa "terceira via", nem comunismo e nem capitalismo, nem individualismo e nem coletivismo, num rearranjo social que permita a ascensão social:

"O que nós desejamos dar ao operário, ao camponês, ao soldado, ao marinheiro é a possibilidade de subir, conforme a

² *Manifesto Integralista 2001.* Núcleo Integralista de Foz do Iguaçu.
<http://www.anauefoz.hpg.ig.com.br/>

³ Idem.

8 a 11 de outubro de 2007
Universidade Estadual do Maranhão
São Luís/MA

sua vocação e seus justos desejos. Pretendemos dar meios a todos para que possam galgar, pelas suas qualidades, pelo trabalho e pela constância, uma posição cada vez melhor; tanto na sua classe como fora dela e até no governo da Nação.”⁴

O discurso acima parte da idéia de uma base comum da qual todos devem partir, a chamada igualdade de condições, tornando possível, através da própria competência, alcançar uma posição social, incluindo, funções no governo. Note-se aqui, duas coisas: primeiro, a semelhança com o discurso liberal (embora o movimento seja antiliberal), com ênfase no indivíduo; segundo, o governo visto como um lugar de possível acesso a todos, desconsiderando o conceito de Estado e de luta de classes na representatividade dentro desse Estado.

A análise da crise atual do país é feita por meio da apropriação das visões da esquerda, redundando em críticas à globalização, ao neoliberalismo e ao imperialismo, apresentando o capitalismo internacional como o responsável pela recessão e o empobrecimento do povo brasileiro. ⁵

A apropriação de uma visão esquerdista na análise da situação do país redundando, no entanto, em uma proposta extremamente conservadora, utilizando-se o conceito marxista de “luta de classes”, mas descontextualizando-o. Enquanto para Marx, a luta de classes é algo que pode ser superado através da socialização dos meios de produção, para os neo-integralistas, ela é algo negativo e que deve ser, não superada, mas disciplinada, resultando em uma postura completamente crítica às lutas travadas pelos movimentos sociais que contestam a estrutura social dominante. A idéia de luta de classes é contraposta, portanto, ao ideal nacionalista.⁶

⁴ Ibidem.

⁵ Idem.

⁶ Idem.

É nesse contexto que entra o que os neo-integralistas designam de “democracia orgânica”. Ela permitiria a ordenação dos diversos interesses, preservando-se a harmonia social. Porém, não se fala em interesses de classes, mas de grupos profissionais, defendendo-se o regime corporativo, que seria uma forma de minar a solidariedade de classe, dividindo-a em interesses setoriais. A idéia de democracia orgânica e corporativismo já apareciam no ideal integralista, na década de 30. Mas, no discurso dos neo-integralistas, percebe-se a tentativa de readaptar esta proposta ao contexto atual de fortalecimento dos ideais democráticos. Assim, a idéia de partido único é deixada em segundo plano e procura-se conciliar o corporativismo orgânico com ideais liberais, como liberdade de pensamento e as liberdades democráticas.

“O Integralismo, que agora se reorganiza em todo o País, lutará pela implantação da **Democracia Orgânica**, como **Regime Corporativo** que será regime aberto ao debate, ao diálogo, não permitindo qualquer tipo de repressão à livre manifestação do pensamento. O regime não aceitará a tutela de partido único e qualquer espécie de ditadura a não ser na sua essência, própria de organização, de onde tira a sua legitimidade de poder. O Integralismo, dentro da Democracia Orgânica, lutará pelo fortalecimento das Forças Armadas, e em qualquer circunstância, pois será autêntico defensor das liberdades democráticas, rigorosamente investidas de responsabilidade, dando-lhes todo o aparelhamento técnico indispensável para o desempenho de sua missão.”⁷

Trata-se da reedição da idéia de Estado corporativo, no qual a representação dar-se-ia por categorias profissionais, e não por classes sociais, sendo a única novidade do discurso neo-integralista em relação ao integralismo dos anos 30 a defesa simultânea das liberdades democráticas.

É visível no discurso neo-integralista a necessidade de readaptar as propostas do movimento ao contexto atual: *“a busca de soluções para os problemas contemporâneos, requer outros enfoques e análises, assim como*

⁷ Idem.

abordagens focalizadas em uma infinidade de novos aspectos. Esse é um grande desafio que nos depara de imediato.⁸ Mas a despeito dessa constatação, a análise da situação política, econômica e social atual é feita com base numa perspectiva de continuidade dos velhos problemas. A perspectiva continuísta serve para tornar legítimos e defensáveis os mesmos princípios integralistas defendidos na década de 30.⁹

A idéia de continuidade na história brasileira permite, portanto, que os neo-integralistas reeditem velhas idéias, baseadas no conservadorismo social, no autoritarismo e na intolerância. A volta dos princípios integralistas é acompanhada, no entanto, de uma tentativa de reconstrução da memória do integralismo, com vistas a legitimá-lo perante a sociedade.

O Neo-Integralismo e o Racismo: anti-semitismo, xenofobia e heterofobia

A crítica das ideologias que pregam a intolerância às diferenças ou que fundamentam sua doutrina em uma concepção racista é absolutamente necessária enquanto forma de desconstrução do discurso e da prática excludentes e como um meio legítimo de contribuição para o fortalecimento de uma sociedade democrática e igualitária. Contudo, a simples crítica de tais ideologias não coloca automaticamente o crítico do lado da democracia e da igualdade, pelo contrário, muitas vezes o exercício crítico fundamenta um outro tipo de intolerância.

Parto do pressuposto de que a simples crítica das ideologias excludentes não é por si só capaz de definir o posicionamento do portador da crítica no espaço político e social. É preciso analisar de que forma a crítica é

⁸ Silveira, Marcelo. *Integralismo Histórico e o Integralismo do Século XXI*. Pronunciado no 1º Congresso do Movimento Integralista Brasileiro para o século XXI em 04/12/2004. <http://www.integralismo.org.br>

⁹ Idem.

construída e quais os ideais políticos que ela reforça. Esta observação encaixa-se na análise do discurso neo-integralista sobre o sionismo.

Visto que não existe neutralidade total, o critério para a diferenciação de uma análise essencialmente ideológica de uma análise científica é a utilização de um aparato instrumental e metodológico capaz de controlar a interferência das ideologias nos resultados do trabalho. Tal aparato reside principalmente no cuidado no trato com as fontes e na operacionalização dos conceitos usados na análise.

O significado de uma fonte não está dado de antemão, é preciso que o pesquisador a interprete e construa seu significado, sendo, portanto, um trabalho de criação. Isso não quer dizer que devemos aceitar qualquer interpretação dada a um discurso, por exemplo. Se o trabalho de interpretação é inevitável, existe, no entanto, as interpretações legítimas e as não legítimas, com base nos critérios de objetividade científica. Quando a ideologia supera a objetividade no processo de análise das fontes, estas adquirem o significado que queremos dar a elas. Um exemplo de análise ideológica das fontes é a realizada pelos neo-integralistas a respeito do texto "A Questão Judaica", de Karl Marx, no qual haveria supostamente uma postura anti-semita da parte de Marx.¹⁰

Os neo-integralistas pretendem mostrar ao público um suposto anti-semitismo de Marx, citando algumas frases contidas na obra em questão, mas desconectadas do seu conjunto e do contexto em que tal obra foi elaborada. Dessa forma, o significado das críticas de Marx às "práticas judaicas" apresenta-se como uma associação direta dos judeus com o capitalismo, desvirtuando-se o seu real significado na obra como um todo.

Quando Marx refere-se às "práticas judaicas", identificadas com o egoísmo e a usura, ele não estava afirmando que os judeus são os construtores

¹⁰ "Racismo: O Marxismo Anti-Judaico". In *Páginas de Combate*, , n. 3, junho, 1999. In http://members.xoom.com/_XOOM/integralismo

da sociedade capitalista burguesa, mas que a própria sociedade burguesa engendra nos judeus a usura e o egoísmo, visto que determinadas práticas de certos grupos judaicos são práticas da sociedade burguesa. Assim, os neo-integralistas desprezam a história dos judeus e o caráter social e cultural do judaísmo, preferindo simplificar a questão das “práticas judaicas”, utilizando-se de uma das obras mais importantes de Marx para difundir o anti-semitismo. Nesse caso, é importante ressaltar que a citação da obra *A Questão Judaica* pelo movimento tem dois objetivos: ocultar o próprio anti-semitismo, revelando-o através de frases de um autor que possui legitimidade suficiente para dar veracidade à causa; e desmerecer o marxismo aos olhos do público, acusando-o de racista, por meio da desfiguração do caráter da obra citada.

Nos discursos neo-integralistas, configuram-se duas imagens opostas dos judeus: capitalista e comunista. A presença simultânea dessas duas imagens contraditórias revela um paradoxo: se as chamadas “práticas judaicas” de cunho capitalista são resultado de tendências étnico-raciais, como o judeu pode ser ao mesmo tempo capitalista e comunista, visto que são doutrinas e práticas completamente excludentes? Somente uma interpretação das ideologias e práticas sociais com base nos interesses e na consciência de classe poderia explicar esse paradoxo. Mas tal interpretação está ausente do discurso neo-integralista, pois derrubaria o suporte de sua argumentação anti-semita: a explicação do comportamento social e político do judeu a partir do determinismo racial.

A partir do momento que o movimento neo-integralista desconsidera totalmente a análise classista e baseia-se no preconceito racial ao falar do judaísmo e dos judeus em geral, passa a defender um discurso contraditório. Para driblar esse problema, o movimento constrói uma imagem falsa do comunismo, reduzindo-o ao chamado materialismo. Assim, os judeus são classificados como materialistas, o que seria a ponte que une judeus capitalistas e comunistas. Todo o discurso contra o capitalismo e o comunismo

é permeado pela crítica ao materialismo, subestimando-se as diferenças substanciais entre as duas ideologias.¹¹

O anti-semitismo neo-integralista também pode ser percebido no discurso do movimento sobre o sionismo. Nesse sentido, cabem os seguintes questionamentos: qual a natureza da análise neo-integralista acerca do sionismo? Qual o seu papel no conjunto da doutrina do movimento? Para responder a essas questões, é preciso ressaltar que a análise neo-integralista sobre o sionismo está eivada de ideologia, pois a introdução da questão sionista no discurso do movimento tem o objetivo primordial de difamar os seus “eternos” adversários: os judeus, e não realizar uma verdadeira compreensão da natureza do sionismo. Porém, como algumas verdades são utilizadas para reforçar o anti-semitismo, a definição de Zizek¹² (s.d.:12) para o termo “ideologia” é bastante apropriada para a desconstrução do discurso neo-integralista. Ele estabelece que a questão do enunciado ser verdadeiro ou falso não é o mais importante, visto que a ideologia também está presente em discursos cujo conteúdo é verdadeiro. Nesse caso, é preciso atentar, não para o enunciado em si, mas para os processos ideológicos que estão por trás do discurso. A ênfase é dada na intencionalidade do discurso e nos interesses que ele encobre, a despeito da veracidade ou não de seu conteúdo.

Por trás de algumas verdades ditas pelos neo-integralistas, é preciso buscar as suas intenções, que podem ser visualizadas por meio das omissões e contradições presentes no desenvolvimento dos argumentos anti-sionistas. Omissão acerca da história do movimento sionista e do seu caráter cultural; o desprezo pelo real significado do movimento, reduzindo-o a simples reflexo de um comportamento determinado pela raça; crítica ao sionismo simultaneamente à defesa de outros movimentos com características parecidas ou iguais às atribuídas aos sionistas. Eis alguns exemplos de como o sionismo é

¹¹ “Contra o Marxismo, o Capitalismo e a Degeneração do Ser Humano”. In <http://www.integralista.cjb.net/>

¹² ZIZEK, S. *Um Mapa da Ideologia*. Contraponto, s. d.

tratado no discurso neo-integralista e que demonstram o caráter ideológico da análise feita pelos adeptos do movimento.

A crítica neo-integralista ao sionismo é feita relacionando-se o caráter sionista ao “povo judeu” como um todo, resultando na intolerância e no preconceito e na fomentação do ódio e do anti-semitismo. A complexidade da questão sionista é reduzida em prol de uma interpretação niveladora e preconceituosa em relação a todo um povo, com o objetivo de legitimar as ações anti-semitas perpetradas pelo regime nazista. A operacionalização do conceito “sionismo” é ideológica, não visando à compreensão da natureza do movimento sionista, e sim à sua deslegitimação política.

A preocupação dos neo-integralistas com o sionismo está ligada também à intolerância em relação à preservação de identidades culturais não assimiladas ao ideal e ao projeto de nação defendidos pelo movimento, e o sionismo é um movimento de judeus que querem manter a cultura e a nacionalidade judaica.¹³

O caráter anti-semita do anti-sionismo neo-integralista aparece na associação que o movimento faz entre sionismo e teoria da conspiração judaica. As referências às imagens dos judeus como “opressores” e ligados ao capitalismo internacional e à globalização são muitas vezes acompanhadas do termo “sionismo”. Em alguns trechos de seus discursos aparecem expressões como “establishment Sionista-Plutocrático”, por exemplo. A teoria da conspiração, tese já defendida pelos velhos integralistas e reeditada pelo atuais seguidores do sigma, baseia-se numa explicação racial para o comportamento político e social de grupos judaicos e, dentro dessa lógica discursiva, a origem do sionismo é totalmente descontextualizada. Os neo-integralistas desconsideram uma série de questões ligadas à história do sionismo, na tentativa de apresentá-lo como parte integrante da natureza do povo judeu enquanto opressor e explorador de outros povos.

¹³ Ibidem.

A consideração da história das origens do sionismo nos revela aspectos negligenciados pelos neo-integralistas, em sua tentativa de simplificar a questão do sionismo, associando-o a um determinismo racial e utilizando-o como justificativa do anti-semitismo. Tais aspectos são os seguintes: a) a ligação inicial do sionismo com as diferenças sociais e de classe no seio do povo judeu, e não com a questão nacional; b) as divergências entre os pensadores judeus a respeito da questão nacional e do sionismo, trazendo à tona o fato de que nem todos concordavam com o estabelecimento de um Estado judeu, priorizando mais a questão espiritual e cultural do povo judeu do que a questão política; c) o predomínio, nos grupos judaicos socialistas, da questão social sobre a nacional, sob a forma de conflito entre identidade de classe x identidade nacional-burguesa.

Esses aspectos revelam que o comportamento político dos judeus deve ser explicado pela situação social e cultural em que se encontram, e não por uma essência judaica, ou pela "raça". Quando os neo-integralistas desconsideram as divergências internas no judaísmo a respeito da questão sionista, estão procurando explicações simplistas para o sionismo, a saber, a idéia de que todos os judeus são naturalmente opressores de outros povos e tendem, por isso, à defesa do sionismo enquanto representante máximo de tal "natureza" judaica.

O movimento neo-integralista, portador de uma ideologia baseada na exclusão e na intolerância, tem um discurso específico no que toca às relações entre o projeto de nação e a questão das diferenças culturais e raciais. O racismo neo-integralista é herdeiro da ideologia racista do integralismo dos anos 30, cujos princípios o atual movimento procura resgatar em seus discursos. O conceito de nação, nos discursos do movimento, exprime, entre outras coisas, a idéia de uma sociedade homogênea, do ponto de vista cultural e racial.

Este último ponto, a homogeneidade cultural e racial, revela-se nos discursos contrários à manutenção das identidades culturais de comunidades de imigrantes, no Brasil, dentre elas, os judeus; na defesa da nacionalização desses grupos; no ideal do amálgama racial, ou seja, da miscigenação com conotações racistas, já que tem o firme propósito de branquear a população brasileira e formar uma raça única: a raça branca. O princípio nacionalista está presente nos discursos neo-integralistas e engloba as críticas que são feitas aos elementos não-assimilados à cultura nacional e a defesa da homogeneidade étnica e cultural do povo brasileiro, por meio do amálgama racial. É dentro desse contexto que se deve analisar as críticas dos neo-integralistas ao sionismo.

Os neo-integralistas apresentam em seu discurso tanto o antigo ideal racista como atitudes xenófobas e heterofóbicas, em virtude de sua inserção em um mundo cada vez mais globalizado, no qual o contato com culturas diversas ocorre com mais intensidade. A xenofobia, porém, também é negada pelos neo-integralistas, embora apareça claramente nos documentos produzidos pelo movimento, associada à luta contra a globalização.¹⁴

A globalização, portanto, significaria o contato com outras culturas e outros povos, o que contribuiria para a descaracterização da nacionalidade brasileira. É uma postura claramente xenófoba e heterofóbica.

Conclusão

O neo-integralismo é uma tentativa de reviver os ideais integralistas dos anos 30, readaptando-os ao contexto atual, inserindo as temáticas da globalização e os problemas atuais do país dentro da doutrina nacionalista do movimento. No entanto, persistem a intolerância e a exclusão, que baseiam um

¹⁴O Integralismo face à Globalização". *Páginas de Combate*, n. 3, junho, 1999. In <http://members.xoom.com/XOOM/integralismo>. "O Integralismo face à Globalização".

nacionalismo extremamente conservador, do qual fazem parte concepções racistas – disfarçadas sob a apologia da miscigenação – e anti-semitas, reeditando-se a antiga tese da conspiração judaica.

Na tentativa de construir uma memória do integralismo e tornar as idéias neo-integralistas aceitáveis, o movimento busca negar o anti-semitismo e qualquer aproximação do integralismo com o nazismo, considerado racista e contrário ao humanitarismo cristão do movimento. Para legitimar a memória do integralismo, membros do movimento atual apelam para o relativismo, baseando-se em discussões metodológicas e epistemológicas acerca da construção do passado histórico – discussões estas que fazem parte da consolidação da história como ciência.

Trata-se de uma estratégia discursiva que visa contestar as interpretações da historiografia que associam o integralismo ao nazismo e ao fascismo, as quais teriam o objetivo de denegrir a imagem do movimento. Nesse sentido, os neo-integralistas procuram afastar as concepções integralistas do fascismo e do nazismo.

Reconhecem, no entanto, que havia compartilhamento de valores e ideais, como a defesa da hierarquia, da disciplina, da supremacia do Estado, do antiliberalismo e do anticomunismo. Porém, a negação do racismo e do anti-semitismo, traz à tona um processo de construção da memória extremamente seletivo, ocultando-se os elementos que possam prejudicar a imagem que se quer passar do passado histórico integralista. Os adeptos atuais do movimento pretendem excluir da história do integralismo os membros e as suas obras anti-semitas, como se estes não fizessem parte da ideologia e da filosofia de vida integralistas. Embora seja importante reconhecer que o integralismo não era um movimento homogêneo, e que possivelmente havia adeptos que discordavam das teorias anti-semitas, é verdade também que tais teorias eram defendidas e faziam parte da fala de várias lideranças do sigma.

A questão do racismo torna-se central no processo de desmistificação do discurso neo-integralista, na medida em que o movimento utiliza-se da forma específica que a questão racial toma em sua ideologia nacional para apartá-lo do presente e do passado da ideologia nazista, demarcando fronteiras supostamente intransponíveis entre as duas ideologias. Tal estratégia faz parte do processo de construção de uma imagem positiva do integralismo, com vistas a legitimá-lo junto à opinião pública. Assim sendo, o centro dessa estratégia é a negação do racismo enquanto parte da ideologia nacional dos velhos e novos integralistas.

Embora a negação do racismo e seu encobrimento na teoria do amálgama racial já fizessem parte do discurso dos velhos integralistas, a presença dessa estratégia discursiva na fala dos neo-integralistas é permeada por dois fatores que marcam as diferenças entre o integralismo dos anos 30 e o atual: 1) A necessidade de construir uma falsa memória sobre a AIB, visando dar credibilidade ao neo-integralismo junto à opinião pública; 2) A presença de um contexto histórico no qual os valores democráticos ganham força no imaginário político e social.

REFERÊNCIAS

"Contra o Marxismo, o Capitalismo e a Degeneração do Ser Humano". In <http://www.integralista.cjb.net>

"Integralismo 1999". *Páginas de Combate*, n. 1, abril, 1999. <http://members.xoom.com/XOOM/integraliismo>.

Manifesto Integralista 2001. Núcleo Integralista de Foz do Iguçu. <http://www.anauefoz.hpg.ig.com.br/>

"Racismo: O Marxismo Anti-Judaico". In *Páginas de Combate*, n. 1, abril, 1999. <http://members.xoom.com/XOOM/integraliismo>.

Silveira, Marcelo. *Integralismo Histórico e o Integralismo do Século XXI*. Pronunciado no 1º Congresso do Movimento Integralista Brasileiro para o século XXI, em 04/12/2004.

<http://www.integralismo.org.br>

BIBLIOGRAFIA

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Holocausto*. RJ: Zahar, 1998.

BARKER, M. *The New Racism. Conservatives and the Ideology of the Tribe*. London: Junction Books, 1981.

CRUZ, N. *O Integralismo e a Questão Racial. A Intolerância como Princípio*. Tese de Doutorado. UFF, 2004.

IANNI, O. "A Racialização do Mundo". *Tempo Social*. Revista de Sociologia, SP: USP, 8 (1): 1-23, maio, 1996.

KONDER, L. *Introdução ao Fascismo*. RJ: Graal, 1991.

MUDDE, Cas. "Right-Wing Extremism Analyzed. A Comparative Analysis of the Ideologies of Three Alleged Right-Wing Extremism Parties (NPD, NDP, CP' 86)". *European Journal of Political Research*, vol. 27, n. 2, 1995.

ZIZEK, S. *Um Mapa da Ideologia*. Contraponto, s. d.